

RESENHAS BIBLIOGRÁFICAS

- J. TRICART — *Cours de Géomorphologie* — Primeira parte: *Géomorphologie Structurale* (fasc. I — Le Relief de côtes, 137 págs.; fasc. II — Les types de bordures des massifs anciens, 120 págs.). Segunda parte: *Géomorphologie Climatique* (fasc. I — Le modelé des pays froids — Le modelé périglaciaire, 257 págs.) — Ed. mimeografada do "Centre de Documentation Universitaire" — Tournier & Constans. Paris, s/ data.

A despeito das sérias dificuldades de impressão, que está afetando a França, o CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO UNIVERSITÁRIO, através de suas edições mimeografadas, vem dando uma continuidade prática à velha tradição de produção científico-didática do seu país. É-nos particularmente agradável assinalar que a Geografia também foi presenteada com a publicação de alguns trabalhos de interesse e utilidade, pelo seu valor científico e pedagógico. Nesse sentido, os três primeiros fascículos do *Curso de Geomorfologia* do Prof. Jean Tricart constitui um exemplo honroso.

O plano de trabalho do Prof. Tricart engloba uma série de cursos, específicos e desenvolvidos, sobre os principais tipos de relevo. Cada fascículo inclui uma parte teórica e analítica, na base de uma bibliografia moderna e variada, e uma série de *trabalhos práticos*, diretamente dirigidos aos estudantes de Geografia, de curso superior. Foi preocupação do autor redigir cada fascículo, na forma de um "conjunto independente, consagrado a uma grande questão de morfologia".

Do que se depreende dos primeiros fascículos publicados, o *Curso de Geomorfologia* do Prof. Tricart visa atender e, até certo ponto, superar a séria deficiência de livros de texto atualizados, existente para alunos de curso superior, em França e alhures. Os volumes até agora publicados representam como que capítulos desenvolvidos e ampliados de um grande e prático "text-book" de Geomorfologia Geral. A linguagem em que estão sendo redigidos, assim como a estrutura a que obedecem, pela sua própria natureza de *cursos*, retratam a preocupação de clareza e de análise equilibrada que tão bem caracteriza as tradições do ensino superior em França. Não se tratam de meras compilações sobre velhos assuntos, mas de uma reclassificação mais lógica e completa de velhas ou novas questões, na base de uma análise miuda, com forte dose de contribuição pessoal.

Sairam a lume, até o presente, dois fascículos de Geomorfologia Estrutural (*O relevo de "cuestas"* e *Os tipos de rebordos dos maciços antigos*) e um de Geomorfologia Climática (*O modelado das regiões frias*). Julgamos de particular interesse, para estudantes e professores brasileiros, os fascículos de Geomorfologia Estrutural, já publicados.

No estudo sobre o relevo de "cuestas" (*), além de uma conceituação precisa do termo e uma idéia sobre a sua importância geográfica, há uma longa

(*) No *Boletim Geografico* do C. N. G. (ano VII, n.º 80., pp. 885-896, nov. de 1949, e, n.º 81, pp. 1002-1035, dez. de 1949), existe uma tradução portuguesa da parte principal do trabalho do Prof. Tricart sobre O relevo de "cuestas", feita por O. Valverde.

discussão sobre as condições necessárias para o desenvolvimento desse tipo de relevo. Foram analisados aí, pormenorizadamente, os fatores estruturais (disposição das camadas, natureza litológica, deformações tectônicas de interferência local) e os *fatores morfológicos* (influência do sistema de erosão, evolução da "cuesta" nos quadros do ciclo de erosão, relações entre o relevo da "cuesta" e a rede hidrográfica, complicações do relevo de "cuesta" por superimposição hidrográfica).

O estudo dos "Tipos de rebordos de maciços antigos" é precedido por uma conceituação criteriosa da natureza desse capítulo da Geomorfologia moderna, na qual o autor previne logo de início: "Os rebordos dos maciços antigos constituem um arranjo regional particular de formas de relevo e, não, um tipo de relevo". Segue-se uma análise das condições de gênese dos rebordos dos maciços antigos, na qual são postos em evidência os quatro fatores fundamentais que intervêm na diversificação dos tipos: a estrutura do maciço antigo; a discordância basal da cobertura sedimentar; a estrutura da cobertura sedimentar; e a evolução tectônica que sucede o término da fase deposicional. Apoiado nessa introdução bastante completa, o autor estabeleceu seis tipos fundamentais de rebordos de maciços antigos: a) — contactos por planos inclinados; b) — contactos por depressões periféricas generalizadas; c) — contactos por depressões marginais localizadas; d) — contactos por rebordos falhados; e) — contactos acompanhados de formas de erosão diferenciais no Maciço Antigo; f) — contactos de maciços antigos incorporados aos terrenos dobrados. Uma exemplificação regional bem cuidada ilustra cada um desses casos principais e suas variantes.

Os grandes problemas geomorfológicos do Planalto Brasileiro giram em torno do caso de maciços antigos poli-cíclicos e de bacias sedimentares soerguidas, nas quais se fez atuar uma superimposição hidrográfica centrípeta e fenômenos de circundesnudação e desnudação marginal generalizados. Entretanto, a despeito do grande progresso das ciências geomorfológicas, entre nós, há ainda grande carência de estudos regionais específicos e completos. Um século de estudos geológicos e vinte anos de estudos geomorfológicos foram suficientes apenas para um conhecimento ligeiro dos traços gerais do relevo. Infelizmente, porém, há uma carência quase que absoluta de monografias regionais, modernas e completas, feitas na base de estudos demorados e criteriosos. Daí o relativo desconhecimento das variações regionais ou locais e a pobreza de nossa bibliografia nesse setor. O caso do estudo dos *rebordos de maciços antigos* é bastante significativo nesse sentido. Lembremos, de passagem, que somente no Estado de São Paulo — nos contactos entre as formações paleozóicas da face leste da Bacia do Paraná com os maciços pre-devonianos do Planalto Atlântico — parecem existir exemplos regionais, de todos os tipos de rebordos de maciços antigos estabelecidos pelo Prof. Tricart.

Há muita coisa a fazer, nos próximos anos, pelos jovens pesquisadores brasileiros. Adquire, assim, grande importância e interesse a introdução de métodos modernos e novos recursos analíticos, para que possamos contar em breve com uma bibliografia geomorfológica inteiramente renovada. — AZIZ NACIB AB'SÁBER.

P. CHOMBART DE LAUWE — *Photographies aériennes*, 140 págs. A. Colin, Paris, 1951.

Os geógrafos utilizam, há muito tempo, o método das fotografias aéreas e este Boletim lhes consagra, em cada número, certa quantidade de páginas, com o respectivo comentário. Os belos estudos de Crawford nos mostraram o interesse que as fotografias aéreas apresentam do ponto de vista arqueológico e

os de Griaule, do ponto de vista etnográfico. Tudo indica, pois, que o sociólogo não pôde ser indiferente a este novo tipo de pesquisas, que lhe permitirá uma união ainda mais estreita, entre ele e o geógrafo, do que a existente. O livro recente de Chombart de Lauwe suscita interessantes reflexões a respeito.

Depois de distinguir entre método e processos, o autor consagra algumas páginas, cuja leitura é indispensável tanto ao sociólogo quanto ao geógrafo, às técnicas da fotografia aérea e à sua interpretação: tipos de avião a utilizar conforme o gênero de pesquisas, tipos de aparelhos fotográficos apropriados, filtros a empregar de acordo com as regiões, disposições para a escolha das emulsões, comentários sobre vistas oblíquas e vistas verticais, exame estereoscópico, regras para calcular o relevo e promover o levantamento fotográfico, além do tipo de ficha de fotografia aérea para o seu colecionamento de maneira especializada.

A segunda parte se compõe de grande quantidade de fotografias comentadas, das quais algumas são particularmente sugestivas. A da Rocha de Solutré, por exemplo, cujas manchas claras apontam prováveis acúmulos arqueológicos que ainda não foram descobertos; a de Diar-el-Hadjy, onde o avião permitiu revelar, sob as culturas, os traços do antigo cadastro romano, invisíveis no solo; a de Val d'Estang que mostra três tipos de fixação humana, correspondentes a três tipos de altitude da montanha, etc., etc.

É evidente que, para o sociólogo como para o geógrafo, a fotografia aérea não pôde substituir a pesquisa de campo — observação mais verdadeira ainda para as Ciências Humanas, nas quais o que há de mais importante são as relações humanas vividas na observação participante. Mas a tomada de vistas aéreas permite:

1) Sínteses que dificilmente poderíamos fazer sem ela, particularmente entre a Geografia, a Etnografia, a Arqueologia e a Sociologia. O exemplo da aldeia francesa de Urt, analisada no fim do livro, através de uma série de fotografias (vistas gerais, morfologia e "habitat", hidrografia, geologia, prehistória e história, culturas e estruturas agrárias, tipos de exploração, economia e comunicações, vida social) indica tudo quanto o sociólogo tem a ganhar num trabalho de cooperação com o geógrafo e reciprocamente. As fotografias permitem ligar os fatos de estrutura social com os fatos da Geografia, numa pesquisa espacial comum.

2) A fotografia aérea torna-se o instrumento ideal da Ecologia, ciência intermediária entre a Geografia Humana e a Sociologia. Como diz Chombart de Lauwe: "Todo estudo de Sociologia de um grupo não pôde deixar de lado este documento fundamental... O ritmo de vida de um grupo e sua concepção do tempo dependem da maneira pela qual se apropriou do espaço no qual evolúe. Um etnógrafo inglês (trata-se de Evans Pritchard) distinguiu um tempo ecológico, que diz respeito às relações com o meio, e um tempo estrutural, que testemunha as reações dos indivíduos para com a estrutura social do grupo. Cada forma que assume a planta de uma aldeia, cada disposição dos centros econômicos, políticos, religiosos, tem uma influência sobre as manifestações da vida coletiva e sobre as reações individuais". O autor cita, em seu apêndice, o belo estudo de Leenhardt sobre a comunidade canaca, em que os mitos se inserem no solo, do mesmo modo que a estrutura da sociedade, mostrando a rua dos homens, a rua oposta das mulheres, a localização obrigatória dos clans, etc. Em resumo, há sem dúvida diferença entre o espaço social e o espaço geográfico; o que não impede que ambos estejam inextricavelmente ligados e somente a fotografia aérea permite que tomemos consciência desta ligação.

3) O estudo do "habitat" é difícil de ser feito em países como a África, a Oceânia, as regiões interiores da América do Sul; expedições custosas são necessárias e os etnógrafos, não podendo percorrer senão pequena parte da re-

gão, trazem de volta desenhos que, muitas vezes, estão destacados do contexto total. A fotografia aérea permite realizar, com despesas menores, uma exploração sistemática das regiões e dá-nos imagens do "habitat" rodeado de todos os elementos do meio que sobre ele influem. Que os brasileiros se recordem das belas fotografias das aldeias chavantes. E os etnógrafos não devem esquecer que o estudo das culturas itinerantes foi facilitada pelas fotografias, nas quais as partes brancas, cinzentas e pretas indicam, mais claramente do que as longas jornadas, a localização dos campos cultivados, das antigas culturas reverendo em matagal, da floresta propriamente dita.

4) A fotografia, finalmente, pôde ser para o sociólogo, como o é para o arqueólogo, um meio de descobertas. Tomo para exemplo somente as fotografias da pg. 120-1 sobre o país Kabé. Elas revelam que os campos dos Kabé são quadrados, enquanto que os dos Lamba são retangulares. Ora, a estrutura familiar das duas tribos é idêntica e nenhum etnógrafo tinha ainda percebido esta diferença de costume na cultura alimentar. A fotografia propõe, pois, um problema que ninguém antes teria suposto encontrar e que pôde acarretar pesquisas de campo que levem a interessantes descobertas etnográficas.

Em resumo, este livro abre perspectivas de valor, que servirão para intensificar o trabalho de equipes que deve reinar cada vez mais em nossa Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, entre as diversas seções de Ciências Humanas. — ROGER BASTIDE.

LOUIS CHEVALIER — *La Formation de la Population Parisienne au XIX^{ème} siècle* — Ed. "Institut National d'Études Démographiques, Travaux et Documents", caderno n. 10. — Presses Universitaires de France. Paris, 1950.

O presente livro interessa, sem dúvida, principalmente ao historiador e ao sociólogo; mas também apresenta uma grande importância para o geógrafo. O estudo das migrações internas na França, de fato, tem atraído, desde muito tempo, a atenção dos geógrafos, especialmente daqueles que se especialisaram na Geografia Regional. Deste modo, foram eles conduzidos, tal como fez J. Sion em relação à Normandia, a procurar a explicação dos fenômenos do êxodo rural nos fatos de densidade e no estabelecimento, mais ou menos teórico, de um "optimum" de população em função dos recursos regionais.

Entretanto, o êxodo rural e, mais geralmente, da província em direção a Paris, não pode ser explicado apenas partindo-se daquela. O fenômeno migratório, sendo por definição um deslocamento de indivíduos, se se torna necessário conhecer o ponto de partida, também é indispensável conhecer o ponto de chegada, por ser o ponto de atração. Os quadros da geografia regional francesa não permitiam, porém, até agora, que se fizesse uma idéia exata dos fatos de migração interna; ora, o livro de Louis Chevalier vem, por isso mesmo, completar os trabalhos dos geógrafos, ao examinar as origens da população parisiense no decorrer do século XIX. Em sua conclusão, o autor acentua que "a população aparece geralmente num equilíbrio instável mais ou menos em relação com os trabalhos ou recursos. A manutenção deste equilíbrio, apesar dos níveis de vida muito baixos, ou a sua ruptura são explicadas por circunstâncias locais (econômicas, sociais ou morais), que a pesquisa histórica verifica". Assim, vê-se ainda uma vez corroborada a necessidade da união entre os estudos geográficos e os estudos históricos e, de maneira mais ampla, da cooperação entre todas as Ciências do Homem, que constitui uma das tradições da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo.

A obra em apreço prestará, principalmente, grandes serviços aos técnicos das Ciências Sociais; pois o que nela existe de mais admirável é a metodologia

do autor, sua utilização bastante engenhosa das estatísticas sobre falências ou dos mapas eleitorais, das folhas de impostos ou dos inquéritos das Câmaras de Comércio, além dos registros policiais, a fim de completar os dados insuficientes dos censos da população e passar da descrição demográfica à explicação. Dentro desse método, chega a estabelecer a discordância cronológica entre a evolução humana e a evolução econômica, pelo menos em relação à cidade de Paris e para o século XIX, o que não é uma conclusão que, de início, poderia ser esperada. — ROGER BASTIDE.

RENATO DA SILVEIRA MENDES — *Paisagens Culturais da Baixada Fluminense* — Boletim n. 110 (Geografia n. 4) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. 171 págs., com mapas e fotografias. São Paulo, 1950.

Após uma prolongada interrupção, consequência das restrições orçamentárias, reencetou o Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo a publicação dos trabalhos elaborados pelos que dele fazem parte. De fato, datam de 1946 os Boletins ns. 2 e 3, referentes, respectivamente, à região de Juazeiro e Petrolina (Boletim n. LXV) e ao clima da Bacia de São Paulo (Boletim n. LXX).

O trabalho que acaba de ser publicado corresponde à tese de Doutorado com que o autor obteve, em 1948, o grau de Doutor em Ciências.

Em sua primeira parte, são estudados os *aspectos físicos* da Baixada Fluminense (situação, relevo, clima, vegetação) e, em seguida, as suas *sub-regiões*. O autor admite a existência de cinco sub-regiões dentro daquela importante região brasileira: 1. a planície de Santa Cruz ou Baixada de Sepetiba; 2. a Baixada da Guanabara; 3. a Baixada de Araruama (Cabo Frio e lagoas litorâneas); 4. Vales e contrafortes centrais; 5. a Baixada de Goitacazes ou Planície Campista.

Na segunda parte, o prof. Renato da Silveira Mendes realiza um detalhado estudo das *paisagens antigas* da Baixada Fluminense. Inicialmente, focaliza o ciclo do açúcar na região, para acentuar os traços característicos da paisagem que ali criou. Em seguida, aborda o período que vai de fins do século XIX até os princípios do século atual, quando se registrou a decadência da lavoura canavieira, a luta contra os pântanos e o retorno à paisagem natural, com o consequente êxodo da população rural.

Segue-se a terceira e última parte — o estudo das *paisagens modernas*. De início, examina o autor a ocupação do solo e a repartição da população. A seguir, as paisagens rurais da Baixada da Guanabara e da planície de Santa Cruz, focalizando a paisagem dos laranjais e dos bananais, além das importantes obras de saneamento e a colonização, realizadas por iniciativa do Governo Federal. Segue-se o estudo das paisagens das planícies litorâneas, da lagoa de Araruama e dos vales interiores, com suas áreas agrícolas e suas ricas salinas. Finaliza esta parte com o estudo da paisagem da cana de açúcar na planície Campista, mostrando os fatores que a explicam, a evolução da agro-indústria canavieira e os característicos da paisagem naquela importante área do Estado do Rio de Janeiro.

A obra em aprêço contém ainda as *conclusões* do autor, além de resumos em inglês e francês e uma abundante documentação cartográfica e fotográfica. Pela massa de informes que reúne, graças às pesquisas de caráter histórico e geográfico levadas a efeito pelo autor, constitui um trabalho de consulta indispensável a todos quantos desejam conhecer a Baixada Fluminense, cuja bibliografia já conta com obras de fôlego como as elaboradas por Alberto Ribeiro Lamego. — AROLDO DE AZEVEDO.

J. R. DE ARAUJO FILHO — *A Baixada do Rio Itanhaém: estudo de geografia regional*. — Boletim n. 116 (Geografia n. 5) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. 76 págs., com mapas e fotografias. São Paulo, 1951.

O presente volume é a tese apresentada à Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo para doutoramento na Cadeira de Geografia do Brasil, pelo Prof. J. R. de Araujo Filho. Dêste doutoramento, o "Boletim Paulista de Geografia" já publicou substancial notícia (V. n.º 6, outubro de 1950, págs. 63-70), através da qual os leitores tomaram conhecimento não só do conteúdo da tese, como também das arguições dos examinadores que constituíam a banca e das respostas do candidato. Cumpre-nos, agora, apenas noticiar o aparecimento em volume dêsse trabalho, editado pela Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, em sua coleção de "Boletins". Consta o estudo do Prof. Araujo Filho de quatro capítulos: no primeiro, estuda a Baixada do Itanhaém e o seu *quadro natural*; no segundo, o *poçoamento* e a *população*; no terceiro, realiza interessante estudo de geografia urbana do que prefere chamar a "*vila*" de Itanhaém; e, finalmente, no último, apresenta-nos a *situação econômica* da região. Desnecessário insistir no interesse que pode oferecer estudos desta natureza; aliás, o tão palpitante tema da reconquista e aproveitamento das baixadas litorâneas em áreas tropicais já foi, por mais de uma vez, objeto de estudos na mesma Faculdade, como os que foram realizados pelo Prof. Renato da Silveira Mendes sobre a Baixada Fluminense e pelo Prof. João Dias da Silveira em sua tese de concurso para a cátedra de Geografia Física (v. n.º 7 dêste "Boletim", págs. 79-81). Há, ainda, em trabalhos dêsse tipo, o interesse prático pelas sugestões que pode oferecer à administração pública, realizados que são após estudos e pesquisas "in loco", como é, particularmente, o caso dêste que o Prof. Araujo Filho acaba de publicar. — ODLON NOGUEIRA DE MATOS.

AROLD DE AZEVEDO e DIRCEU LINO DE MATTOS
Viagem ao Maranhão (Julho de 1950). — Boletim n. 120 (Geografia n. 6) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. 160 págs., com mapas e fotografias. São Paulo, 1951.

Com "O Torrão Maranhense", publicado em 1918, colocou-se Raimundo Lopes entre os pioneiros da moderna geografia no Brasil. Ao mesmo torrão dedicou S. Fróis de Abreu excelente trabalho de geografia regional, — "Na Terra das Palmeiras", editado em 1931. Pode-se dizer que a êsses dois trabalhos limitava-se a bibliografia geográfica brasileira referente àquela porção do território brasileiro.

Em julho de 1950, os Professores Aroldo de Azevedo e Dirceu Lino de Mattos tiveram oportunidade de visitá-la, percorrendo o vale médio e inferior do Itaipuru e alcançando a cidade de São Luís. Dessa viagem rápida, porém suficiente para uma tomada de contato com os aspectos mais expressivos da região visitada, resultou o volume "Viagem ao Maranhão", há pouco editado pela Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo em sua coleção de "Boletins". Compõe-se o volume de três estudos independentes, porém intimamente relacionados: *Através do vale do Itaipuru* (Impressões de uma viagem de reconhecimento), *Traços essenciais da geoeconomia do vale do Itaipuru e São Luís do Maranhão* (Primeiros estudos), sendo o primeiro e o último

devidos ao Prof. Aroldo de Azevedo e o segundo da lavra do Prof. Lino de Mattos. Modestamente, dizem os AA. que o trabalho visa "tão somente oferecer aos estudiosos da geografia brasileira os resultados de uma simples viagem de reconhecimento, sem pretender, de forma alguma, realizar um estudo regional do importante vale maranhense, nem tampouco levar a efeito um estudo monográfico da cidade de São Luís". Cumpre acentuar, todavia, que a objetividade das observações e a documentação fotográfica e cartográfica, tudo dentro do mais esclarecido espírito geográfico, fazem do livro dos Profs. Aroldo de Azevedo e Dirceu Lino de Mattos uma contribuição indispensável para o conhecimento da "Terra das Palmeiras", tão mal conhecida, e sobre a qual, conforme salientamos, afora os trabalhos de Raimundo Lopes e Fróis de Abreu, praticamente nada mais existia na bibliografia geográfica brasileira. — ODILON NOGUEIRA DE MATOS.